

Haydu, Verônica Bender. Tomar decisões. **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1216, p. 7, 31 de maio de 2006.

### **Tomar decisões**

Em um artigo anterior desta coluna intitulado “Quero saber a verdade?”, descrevi situações que envolvem a obtenção de informações que nos permitem tomar decisões. Mauro, que levou o fora da namorada e que na hora ficou sem ação, agora, encontra-se numa situação de conflito: tentar esquecer Maria ou ir falar com ela. Ele está até pensando em deixar o emprego, pois a possibilidade de vê-la, diariamente, é muito grande e isto lhe causa uma enorme ansiedade. A indecisão e a indefinição de um acontecimento podem nos causar um grande sofrimento, maior até do que a própria realidade, por mais dura e cruel que ela seja.

Quando foi contratado pela indústria de confecções, Mauro teve que tomar uma decisão: ou aprendia o nome da infinidade de materiais do estoque ou “caía fora”. Mauro optou por ficar e aprender a identificar cada um dos itens estocados. Ele quase “pirou”, quando foi chamado ao Departamento de Estilismo e Moda para conhecer o mostruário da malha que acabara de ser lançada (Visco-lycra). “Mais uma!” Exclamou ele com o mostruário na mão. Neste dia, Maria, que trabalha como modelista neste departamento, ajudou-o a montar cartelas com os diferentes tipos de tecidos e os nomes. Isto ajudou Mauro a decorar o nome de cada tecido e a organizar, de forma mais apropriada, o material do almoxarifado.

Se, naquela ocasião, Mauro não tivesse se esforçado para manter-se no emprego (motivado, em parte, pela paixão que Maria despertou nele), ele ficaria sofrendo por diversas razões. Primeiro, porque ele continuaria se sentindo um incompetente (baixa auto-estima). Segundo, porque ele ficaria na expectativa de que, a qualquer momento, o supervisor poderia chamar a sua atenção, novamente, como o fez no seu segundo dia de trabalho, o que era extremamente aversivo para Mauro. Além disso, ele ficaria esperando, o tempo todo, pelo pior - a instrução para passar pelo Departamento Financeiro para “acertarem as suas contas”.

Em uma outra ocasião, Mauro, também, mostrou-se decidido ao sugerir, ao seu supervisor, a implantação de um sistema computadorizado para o controle do estoque do almoxarifado. Nesta circunstância, o Sr. Luiz poderia não ter levado a idéia adiante, por não

querer que uma pessoa sob sua supervisão tivesse uma iniciativa que pudesse dar a impressão de que ele não era o mais entendido no assunto. Este tipo de competição, no trabalho, é muito comum e Mauro já havia passado por uma situação igual a esta, em um emprego anterior. No entanto, ele estava decidido que faria o melhor possível e superou as expectativas de seu supervisor. Quem sabe, Mauro tenha superado até as suas próprias expectativas, como demonstra o que ele pensou após o Sr. Luiz ter-lhe dito que ele deveria lidar com as dificuldades pessoais da mesma forma como lida com as do trabalho.

Mauro, pensou: “Puxa! O Sr. Luiz tem razão, eu não tive nenhum receio de enfrentar aquele almoxarifado, apesar de ter ficado bem desanimado nos primeiros dias. Tá certo que a Maria deu uma força! Só que agora, eu estou com medo e fico lembrando que o meu irmão sempre diz que ninguém gosta de um cara fracassado”.

Voltando ao conflito amoroso de Mauro, temos que considerar que, se ele não falar com Maria, não saberá se foi enganado, se ele é que é o culpado ou se alguma outra coisa aconteceu. Não responder diante de uma situação de conflito, isto é, ficar paralisado, também é uma forma de resposta. No entanto, independentemente do que façamos, em situações deste tipo, sempre há um custo. O psicólogo Roosevelt R. Starling, no Capítulo 5 (p.39-40) do livro intitulado “Falo ou não Falo? Expressando sentimentos e comunicando idéias”, faz a seguinte consideração sobre a questão da tomada de decisão, a qual transcrevo: “... faça você o que fizer na sua vida, sempre há um custo de oportunidade a ser pago! Sempre. Sempre. Se ficar solteiro e gozar a boa vida, o custo de oportunidade que você pagará será não usufruir o conforto de uma família, de um lar. [...] Se você namorar a Kátia, o custo de oportunidade será não namorar a Luíza, a menos que você seja um bocado “galinha”. E se você for um “galinha”, o custo de oportunidade que você pagará será o sossego que você não terá. Viu? Sem saída. Sempre. Sempre.”

Segundo o Dr. Roosevelt, o custo da oportunidade é o que popularmente chamamos de “medo de perder” e é exatamente isto que está deixando Mauro paralisado. Todos nós temos medo de perder e, nestas circunstâncias, pode até ser bom não tomar uma decisão de forma imediata. Demorar um pouco para decidir pode nos dar tempo para obtermos o maior número de informações possíveis da situação. Só que, é bom lembrar que, em algumas situações, agir com rapidez é essencial. Uma demora na resposta pode significar a perda da oportunidade de agir.

Bem, tenho certeza de que Mauro terá mais possibilidade de acertar, se ele obtiver o maior número de informações possíveis sobre o que aconteceu, e isto implica procurar Maria.

Conte, F. C. e Brandão, M. Z. S. *Falo ou não Falo? Expressando sentimentos e comunicando idéias*. Arapongas: Mecenaz, 2003.

Você pode acessar os textos anteriores desta coluna, no meu *site* pessoal: [www.uel.br/pessoal/haydu](http://www.uel.br/pessoal/haydu).

Verônica Bender Haydu  
Professora da Universidade Estadual de Londrina  
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo